
VEÍCULO: **O GLOBO**

DATA: 18/03/2017

ASSUNTO: FEBRE AMARELA

TIPO: NOTÍCIA

CADERNO: OPINIÃO PÁG.: 16

Febre amarela expõe falhas na vigilância

O caso do pedreiro Watila Santos, morador de Casimiro de Abreu que morreu de febre amarela, o primeiro óbito confirmado no Estado do Rio, expõe a fragilidade dos sistemas de vigilância. Segundo parentes, ele procurou três vezes o hospital local, com febre, dor de cabeça, taquicardia, falta de ar e dores no corpo. Na primeira, os médicos diagnosticaram sinusite; na segunda, virose. Quando chegou pela terceira vez, Watila já estava em estado grave e morreria poucas horas depois.

Ou seja, profissionais de saúde do município não foram alertados ou treinados para detectar possíveis casos de febre amarela, apesar de o Rio fazer limite com Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo, estados que registram sur-

tos da doença. O episódio mostra ainda que o vírus rompeu a tênue barreira montada pelas autoridades de saúde do Rio. Watila não tinha viajado para regiões de surto. E Casimiro de Abreu, na Região das Baixadas Litorâneas, não estava na área de recomendação da vacina — o bloqueio estava sendo feito nas divisas do estado. A vacinação da população de Casimiro só começou depois da morte do pedreiro.

Outro fato que revela as lacunas deixadas pela vigilância é o caso dos macacos mortos no Rio. Exames feitos pelo Instituto Evandro Chagas, do Pará, em quatro saguis e um macaco-prego recolhidos em outubro de 2016 em diferentes bairros da capital, deram positivo para febre-amarela. Embora uma contraprova esteja sendo

realizada pela Fiocruz, a informação do Evandro Chagas, centro de referência nacional para a febre amarela, por si só, é preocupante. Ela poderia indicar que, há cinco meses, o vírus da doença circula pelo Rio. Até agora, as autoridades desconheciam o fato.

Falhas parecidas já haviam acontecido em Minas Gerais, onde macacos começaram a morrer de febre amarela em abril do ano passado. Em dezembro, apareceram as primeiras pessoas doentes. Mas o surto só foi anunciado em janeiro deste ano. Diante da demora das autoridades de saúde mineiras em agir, não surpreende que o estado contabilize mais de cem mortes.

Na verdade, as deficiências no controle de doenças são um mal que atinge todo o país, perpas-

sando esferas de governo. Não fosse isso, autoridades não estariam às voltas hoje com doenças que pareciam extintas. A febre amarela urbana foi erradicada no Brasil em 1942. Mas a presença do *Aedes aegypti* em quase todos os municípios do país torna possível sua reintrodução. No caso da forma silvestre, como ocorre atualmente, o próprio Ministério da Saúde admite que, a partir dos anos 2000, a doença, que estava concentrada principalmente nas regiões Norte e Centro-Oeste, começou a se expandir em direção ao sul. Hoje, faz estragos no Sudeste.

Sem sistema eficiente de vigilância nos três níveis de governo, autoridades estarão sempre correndo para remediar uma situação que, em muitos casos, poderia ter sido impedida. ●